

ISLÂNDIA, A ILHA DO SILÊNCIO: O ESPAÇO MELANCÓLICO DE A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

ARIANE AVILA NETO DE FARIAS*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

ANDERSON MARTINS PEREIRA**




Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

MARIANE PEREIRA ROCHA***

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Recebido em: 10 maio 2018. Aprovado em: 6 ago. 2018.

Como citar este artigo: FARIAS, A. A. N.; PEREIRA, A. M.; RICHIA, M. P. Islândia, a ilha do silêncio: o espaço melancólico de *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 3, p. 177-188, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n3p177-188

-
- * *E-mail:* arianeaneto@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-9828-7980>
- ** *E-mail:* andersonmartinsp@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-2667-8891>
- *** *E-mail:* marianep.rocha@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-0126-8063>

Resumo

O presente trabalho visa analisar aspectos referentes ao espaço na obra *A desumanização* (2014), de Valter Hugo Mãe. Entende-se aqui que a Islândia, país em que o romance é ambientado, ocupa papel de importância na construção da narrativa. Salienta-se que tal análise parte da compreensão de que o espaço literário é elemento subjetivo e fruto da ficcionalidade. Apreende-se, aqui, a noção de que a Islândia trabalha como reflexo dos traumas das diferentes personagens da narrativa, sendo, ao mesmo tempo, o palco e o ator de uma história de reflexão acerca da solidão humana. Isto posto, tais reflexões serão realizadas a partir de apontamento de teóricos do tema.

Palavras-chave

Espaço. Melancolia. Islândia.

Com os grandes avanços nos estudos e teorias da literatura, hoje, o espaço (cenários e demais objetos que o compõem) passa a protagonizar papel importante na construção de uma narrativa. Passa-se, então, a entender que o panorama cultural e histórico da produção de uma obra considera alusões e informações ligadas a certos pontos do tempo que de igual maneira estabelecem um espaço interativo com a narrativa: *Mrs. Dalloway* não seria a mesma se não caminhasse pelas ruas cinzentas de Londres; a literatura de Machado de Assis poderia ser interpretada de maneira distinta se ambientada em um lugar diferente daquele representado pelas ruas do Rio de Janeiro do século XIX. Enfim, os muitos espaços em que se passam as narrativas falam muito sobre o que está sendo narrado e, conseqüentemente, sobre as personagens que são por elas construídas.

É o romantismo, segundo David Lodge (2011), o grande responsável pela ponderação dos “efeitos [do ambiente] sobre o homem” (p. 67), abrindo os olhos do mundo “para a beleza sublime das paisagens naturais [...]” (p. 67). A partir disso, com o entendimento de que o texto literário é representação do real, ato de produção e consumo e trabalho conjunto entre autor e leitor, cresce a compreensão de que o espaço literário – apreendido como elemento subjetivo, imaginário e fruto da ficcionalização –, pode ser expressão da temática dos conflitos sociais e ideológicos de uma dada cultura representada pela literatura. Nesse mesmo viés, Marcelo Souza (1988) afirma que o espaço vai além do papel de suporte (palco), protagoniza função de veículo (ator) de um

processo que está em constante movimento de lutas entre o já existente e o que impõe sua existência. Ao protagonizar tais papéis, ele é lugar tanto de pertencimento quanto de trânsito dos sujeitos.

O teórico Paul Ricoeur (2007), ao discorrer sobre questões a respeito da constituição da memória, aponta para a relação significativa construída entre os sujeitos e os espaços que ele habita. A partir dos apontamentos do estudioso francês, compreende-se que os diferentes laços criados por tal encontro colocam o segundo em um lugar tão importante quanto os demais elementos narratológicos, já que ele é um dos principais meios de reflexão das qualidades, sentidos e memórias do primeiro tanto em sua individualidade quanto na coletividade. O pesquisador afirma,

[...] as lembranças de ter morado [...] em tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas, elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória coletiva [...] nessa lembranças tipo, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente (RICOEUR, 2007, p. 157).

Esta premissa também corrobora a ideia de que os espaços por onde os sujeitos passam são organizados tendo como base suas experiências e trocas com o seu corpo, bem como com outras pessoas com a intenção de conformá-los as suas necessidades biológicas e sociais. Nesse sentido, já assinalava Foucault, que ele é imprescindível “em qualquer forma de vida comunitária” (FOUCAULT, 1984, p. 285). Luis Alberto Brandão é outro teórico que confirma o caráter de inseparabilidade e a conseqüente impossibilidade da desvinculação entre espaço e corpo, ao sublinhar a vinculação do primeiro à percepção e à esfera do sensível (BRANDÃO, 2013, p. 57).

Dessa maneira, caminha-se para o entendimento do espaço para além da sua vivência, tornando-se ele um grande recipiente de significados. Santos Filho, ao se remeter a Merleau-Ponty, destaca que

[...] o espaço não é ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhe seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões (FILHO, 2009, p. 31).

O excerto acima ratifica a noção de espaço como símbolo, como marca de uma cultura ou época, de disciplinamento e de rupturas de ordens pré-

-estabelecidas; tais formas proferem um conjunto complexo de ideias, variadas concepções e mentalidades, transformando, muitas vezes, em imagens dos diferentes sentimentos humanos e “condição para a sobrevivência biológica” (TUAN, 1983, p. 65).

A partir dos pressupostos teóricos expostos, que apontam para a importância do espaço na construção literária, o presente trabalho tem como objetivo principal refletir sobre o papel reservado a Islândia no livro *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. Para tanto, partiremos do pressuposto de que o país escolhido pelo autor angolano para dar vida à história do texto aqui analisado, atua como uma continuação das personagens da narrativa, de alguma maneira, materializando seus sentimentos melancólicos, pensamentos e traumas. Compreendemos, assim, que as imagens de tal país, marcado pela paisagem fria e inóspita, espelham a qualidade dos sentimentos dos sujeitos representados, bem como suas mentalidades. É por esse prisma que tais reflexões serão realizadas.

A desumanização (2013) é o quarto romance do escritor Valter Hugo Mãe. É por meio de uma linguagem poética que temos acesso à voz da pequena Halldora, uma menina de 11 anos que vai narrar a dor da perda – Halla acaba de perder sua irmã gêmea, Sigridur, sua metade –, as descobertas e transformações da infância para a vida adulta, mesmo que muito jovem, e, a solidão e a melancolia, que posteriormente a unem a Einar. Este último é “louco” e carrega traumas enormes que em muito contribuem para a leitura sobre loucura, fundamental para o crescimento da “irmã menos morta”, como fica conhecida a personagem central após a morte de Sigridur. A narrativa também traz outros personagens importantes, que representam muito, tanto para o crescimento da narradora quanto para a construção do espaço, como a mãe e o pai de Halla. Enquanto a primeira vai tratar a filha como culpada pela morte da irmã, ocupando um lugar de total afastamento de Halla; o segundo, em sua total onipotência diante de um cenário devastado pela perda, assume uma posição de submissão diante dos acontecimentos, acabando também por afastar-se da filha. Steindór, homem que representa o poder e a sapiência do lugar, responsável pelas missas e afazeres da igreja, assim como outros personagens que vão sendo apresentados conforme a história se desenvolve, vão tecendo a trama de sujeitos desconstruídos. Outros personagens que merecem ser mencionados por também serem importantes são a tia ursa – uma mulher de personalidade forte e que acaba por “apagar” os pais da narradora –, a

mulher elétrica, o homem apagado e a velha Thurid, que com sua chegada dá novos rumos à vida dos habitantes da fria Islândia.

A história das “nossas pessoas”, modo como a menina se refere aos demais personagens da narrativa, vai ser acompanhada pela fria e solitária figura representada pelo país em que tudo se desenvolve, a Islândia. No decorrer das páginas, a natureza islandesa trabalhará como linguagem no encontro entre o animal e o humano, entre o sentir e o pensar. Ela é a representação de dois polos: o humano e o desumano. Sobre o imaginário a respeito da Islândia, Mãe afirma que a ilha nórdica impressiona

[...] pela dimensão de uma certa fantasia tremenda [onde] há um tremendismo ligado a uma ideia de pureza ou de mundo que começa porque é tão recôndito, que tudo parece ainda antigo, antes do homem (MÃE, 2014).

A pura e silenciosa ilha dos sonhos do escritor angolano constrói-se como um importante elemento para os acontecimentos na vida da personagem gêmea ainda viva. A Islândia ganha voz, também fala: suas palavras estão na voz da Halldora, nos poemas de seu pai, no descontrolado amor que Einar tem pela irmã menos morta e, também, no silêncio da irmã gêmea, já morta, mas cuja alma parece ter passado a viver junto de Halla. É assim que, ao coabitar com o “incessante murmúrio que se ouve, vê e sente sob a terra” (MÃE, 2013), os inóspitos fiordes refletem o sossego aflito de seus habitantes que acreditam ser a Islândia a “boca de deus”. A seguinte passagem o demonstra:

[...] chamávamos-lhe a boca de deus porque não a conhecíamos. E deus era o desconhecido. Cada coisa que se nos revelasse tornava-se humana. [...] Chamávamos-lhe a boca de deus porque era um poço infinito que nos servia de sentença para cada coisa. O que para ali atirássemos ficava tão só na imaginação, essa morte de que éramos sempre [...] capazes (MÃE, 2014, p. 17).

Essa passagem sugere a força que a natureza islandesa exerce sobre os sujeitos. Os personagens a que temos acesso enxergam sua terra como uma figura divina de poder desconhecido e temido que, por isso mesmo, ecoa as ações e escolhas dos indivíduos que lá estão. Sobre a figura de deus fortemente presente em terras islandesas, o próprio autor da obra reflete, “parecia-me que se Deus, eventualmente, se quisesse, a Islândia era o espaço reservado para isso. Se Deus pudesse ser um lugar na terra, talvez fosse a Islândia” (MÃE, 2013). Segundo Mãe, é assim que se constrói um ambiente que, de alguma

maneira, ainda traz marcas para uma possível redenção, de uma expectativa espiritual da existência.

Conforme afirma o geógrafo Yi-fun Tuan (1983), a moldura divina e magnífica da Islândia, na narrativa de Mãe, trabalha para uma quase total integração aos aspectos da vida de quem nela habita. Ela é o lugar central, é o “mundo do centro”, termo utilizado por Tuan, para as pessoas que dela e nela vivem. O teórico ainda afirma que tal concepção de espaço “atribuiria um valor supremo; abandoná-lo seria difícil” (1983, p. 165). Dessa maneira, qualquer ação, bem como os resultados dela, deve ter a permissão dos fiordes frios, como demonstrado pela fala da narradora.

O meu pai recomendava: *beija o Hekla*,¹ porque não o entendes mas ele sabe o que faz. *Beija o Myvatn*,² porque não o entendes mas ele sabe o que faz. *Beija o Vatnajökull*,³ porque não o entendes mas ele sabe o que faz. Beija sempre a boca de deus. Não esperes que sejam amáveis contigo (MÃE, 2014, p. 17, grifo nosso).

Tal culto a deus vincula ainda mais as personagens, o povo a que temos acesso na narrativa, ao seu local de origem. Sobre tal conexão, Yi-fu Tuan salienta que “quando a vida parecia incerta e a natureza hostil, as divindades não apenas promoveram e protegeram a vida, mas também garantiram a ordem na natureza e na sociedade” (1983, p. 166). A “boca de deus” é a ordem para Halla e a “nossa gente”, o que marca a grande afeição pela pátria, compreendida como “mãe e nutriz” (TUAN, 1983, p. 171).

Contudo, sabe-se que a adoração e o respeito a deus são atos solitários. Desse modo, como consequência da influência divina, a Islândia é um espaço solitário, no qual traumas e memórias ecoam e a tristeza vive uma contínua batalha com a força da vida; expressão das experiências mais íntimas. A passagem a seguir assim o demonstra, “para a solidão, era fundamental perceber o quanto a Islândia era entidade, coisa de ver e pensar, dotada de memória e a planejar quietamente o futuro” (MÃE, 2014, p. 95). Aos sujeitos que lá se encontram resta aprender a viver com o isolamento, aprender a “transformar a escuridão em paciente espera, as crateras fumegantes que olham por nós, os rios indomáveis em serpentes benignas [...]” (TEOTÔNIO, 2016, p. 141).

1 Vulcão localizado na Islândia.

2 Lago localizado nos fiordes islandeses.

3 É a maior massa de gelo da Islândia.

É nesse sentido que seus habitantes devem aprender a conviver com a iminência da erupção dos grandes vulcões, com a cegueira deixada pela névoa densa ou pela fumaça negra, com os gigantes temporais. Para os seus moradores, tudo ganha ares de grandiosidade equiparando-se ao tamanho da ilha:

[...] dizia quem vira que os vulcões em erupção eram montanhas voadoras que alavam sobre as cabeças de toda a gente. [...] Descolorindo tudo à frieza da lua. Podia ser que os veios de água quente tivessem origem no estômago da Islândia, para onde convergiam todas as forças, até talvez a fundura da boca de deus. Podia ser que exalassem as almas mais imprestáveis, as mais frágeis que não serviam para o dentro de um corpo de gente ou animal (MÃE, 2014, p. 101).

A solidão dos islandeses é acompanhada pela natureza. Uma natureza que, pelas linhas da fantasia, em sua menor demonstração de força e poder alcança um *status* de salvadora, regeneradora, até mesmo de limpeza. O excerto aqui transcrito mostra o poder do fogo diante de todo o frio das terras. O calor dos vulcões limpa o que transgride às normas.

Mesmo que o sentimento solitário dos sujeitos não pudesse ser afirmado diante da poderosa terra, já que seria um “desrespeito para com deus, para com a Islândia” (MÃE, 2014, p. 44), tudo parece ser negado aos habitantes da ilha nórdica. Os sujeitos de lá não têm acesso às informações do restante do mundo, vivendo seus traumas isolados entre as montanhas frias. A fala da narradora demonstra o total apagamento da Islândia: “ando a pensar que deus não reparou que aqui estamos ou nos mandou para aqui exatamente para não ter de reparar” (MÃE, 2014, p. 96). As reflexões de Halla, que nesse momento dúvida até mesmo da figura divina fortemente presente em sua terra, sugerem que o único sentimento não negado aos islandeses é o do amargo sofrimento. Sofrimento pelo esquecimento e pela latente solidão: “pensámos que valíamos praticamente nada comparados com o que existia no mundo. Valíamos praticamente nada comparados com um livro” (MÃE, 2014, p. 44). E tudo ainda maximizado pelo frio constante, “muito frio. Estava muito frio. Não me podia mexer. Os mortos não se encolhiam, não se aconchegavam melhor, ficavam tal como os tivessem deixado” (MÃE, 2014, p. 9).

Assim sendo, o melancólico parece rondar a ilha, e a família de Halla configura-se como a personificação de tal característica. Ao encarar um processo de perda, Halla, sua mãe e Gudmundur, seu pai, transparecem os sofrimentos de uma

[...] angústia de um esvaziamento do seu eu (ego), um enfraquecimento do “sentimento de si”, e elabora sobre ele próprio um diagnóstico construído na menos-valia, na incapacidade para viver (PERES, 2011, p. 115).

De alguma maneira, os fiordes partilham da perda do ego, já que não correspondem às expectativas dos que ali vivem, vai perdendo seu poder para os monstros que habitam naquela imensidão.

Assim, há uma total perda de autoestima e esvaziamento do eu em Halla e em seus pais, acompanhada do descrédito por seu espaço, como demonstrado, marcando o estado melancólico da menina. A afirmação da narradora de que “eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Eu era a metade fraca. Teria sido apenas justo que eu morresse em troca dela” (MÃE, 2014, p. 159); ou a visão de seus pais sem vida – a mãe que se corta e o pai que não mais ama suas poesias – sugerem a importância de se compreender as noções a respeito do sujeito melancólico instituídas por Freud (2011). O teórico afirma que em tal estado vê-se a relação de ambivalência que o indivíduo mantém com o objeto, fazendo que ele não o abandone como no luto. A narradora nos apresenta a sua irmã morta como a imagem da perfeição, em sua fala transparece a dificuldade do rompimento, do movimento de enxergar-se sempre em comparação com a figura já morta.

Ainda sobre a melancolia, Rafaella Teotônio (2016) indica que, para Freud, a libido regressa para o ego, produzindo uma identificação do sujeito com o objeto de amor perdido. O ego (eu), após essa identificação, revolta-se contra si mesmo, produzindo o sofrimento melancólico, causado por uma insatisfação, um esvaziamento de si, que desencadeia, por sua vez, o autoflagelo psíquico. São essas ações que comprovam o apego à recôndita ilha nórdica.

Pode-se afirmar, convergindo com as ideias de Hall sobre a noção de “espaço da identidade”, que o espaço em que a narrativa se passa entrecruza-se aos indivíduos que nele residem. Suas identidades se confundem e, por vezes, é difícil reconhecer a quem estamos a ouvir. É assim, que ele marca “não apenas as convergências de interesse, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também divergência, isolamento, conflito e embate” (HALL, 1999, p. 17). Bem como os fiordes islandeses, todos estão fragmentados por traumas e imersos em suas naturezas ora selvagens, ora civilizados; são representados como os fragmentados sujeitos, a voz dada à Islândia é a de constante busca pela razão da existência. Sobre as influências mútuas entre sujeitos e espaços, Bachelard destaca:

O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixa-lo, queremos transcender todas as situações para dar uma situação de todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as permissividades. Fazemos passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do aí (BACHELARD, 2008, p. 216).

O excerto acima transcrito demonstra a incessante troca entre as pessoas e os lugares. Em *A desumanização*, as importantes relações que são construídas entre o homem e a força da natureza é condição de existência para ambos, espelhando suas qualidades e sentidos. Sobre isso, Teotônio sublinha o fato de que o resultado dessa relação

[...] é que suas personagens, as relações sociais que se estabelecem na trama e o espaço geográfico a ser apreendido, tornam-se um 'outro' simbólico de que o próprio romance precisa para afirmar-se como uma das formas de representação (TEOTÔNIO, 2016, p. 9).

Ou seja, compreendendo o fato de que o eu precisa de um outro para construir-se, o espaço, trabalhando como esse outro, interfere no devir dos homens tanto por sua presença material quanto pelo seu vínculo com o social. Fica evidente a dificuldade de dar um sentido aos atores da narrativa se esses não estiverem vinculados a um palco. No mesmo sentido do afirmado por Souza, Halla, os demais moradores e a Islândia não são elementos autônomos, que juntos constituem elementos decisivos “no bojo de uma perspectiva que unifique adequadamente espacialidade e relações sociais” (SOUZA, 1988, p. 9).

Ademais, afirma Yi-fu Tuan que “a terra é o corpo humano em grande escala” (1983, p. 99) e a apresentação da Islândia pelos personagens em *A desumanização* (2014) leva-nos a concordar com esta assertiva. É o outro, o humano que julga e que erra. É a criança que acompanha Halla em seu processo de crescimento e amadurecimento. Com o passar da história a ilha nórdica vai recebendo mais características humanas, como sugere passagem:

[o] meu pai declarou: a Islândia pensa. A Islândia é temperamental, imatura como as crianças mimadas. Tem uma idade geológica pueril. É, no cômputo do mundo, infante. Por viver a infância, decide com muito erro, agressiva e exuberante (MÃE, 2014, p. 30).

Em sua infantilidade, a Islândia é temida. Sua força é mágica e, tudo que lá ocorre toma dimensões enormes. Para quem lá habita o mal é realizado por obra divina, pelos monstros marinhos e diferentes figuras e entidades que só na ilha se encontram. Seu julgamento assusta, como bem apontado pelo pai de Halla:

Não te aproximes demasiado das águas, podem ter fracos que te puxem para que morras afogada. Não subas demasiado alto, podem vir pés no vento que te queiram fazer cair. Não cobices demasiado o sol de verão, pode haver fogo na luz que te queime os olhos. Não te enganes com toda a neve, podem ser ursos deitados à espera de comer. Tudo na Islândia pensa. Sem pensar, nada tem provimento aqui. Milagres e mais milagres, falava assim. E tudo pensa o pior (MÃE, 2014, p. 30).

Para a construção de um espaço em que a fantasia comanda, Mãe dá uma nova roupagem a elementos da mitologia nórdica ao fundi-los com elementos da contemporaneidade. Elementos de uma natureza em nada subjugada pelos homens que, por vezes, oprimem. Um espaço que, mesmo que represente o presente, toma características que remetem à uma memória lírica do mito, um tempo de dominação da solidão. A Islândia de Mãe pode ser então interpretada como “resposta do sentimento e da imaginação as necessidades humanas fundamentais” (TUAN, 1983, p. 112).

Compreende-se, a partir dos elementos analisados, a importância do espaço para a construção narrativa de *A desumanização* (2014). Desse modo, tomando como base os teóricos citados, considera-se que a visão do local na qual estão inseridas as personagens de um romance evidencia-se como fator crucial para o entendimento dos mecanismos que conferem verossimilhança à obra, mecanismos esses que servem de reforço, colocando a escrita literária além dos domínios do enredo e representando um árduo trabalho do autor com a linguagem.

Nesse jogo da linguagem, a Islândia, seus grandes lagos, geleiras e montanhas, elementos apresentados pela obra do escritor angolano, Valter Hugo Mãe, estabelecem um espaço no qual a solidão é a principal companhia dos personagens. O frio dos fiordes islandês marca a total vulnerabilidade dos sujeitos, descrevendo a condição humana em sua nudez, porém, aliada à doçura da identidade do sujeito. A ilha melancólica apresentada pela narrativa não se trata, assim, daquele espaço estático e constante que durante a história trabalha apenas como plano de fundo para “nossas pessoas”, mas é sim “afeito a

incessantes movimentos” (ALMEIDA, 2015, p. 16). Movimentos esses de encontros e também de desencontros de um povo que da solidão tira a sustentação de seu eu.

Como sugerido, o espaço em *A desumanização* é aquele ambiente melancólico em que os sujeitos parecem, por muitas vezes, perderem-se de si mesmos, descrentes das benfeitorias existentes no restante do mundo. A boca de deus não lhes dá acesso ao que de melhor há e a eles resta a grandeza do lugar que habitam. É este que dita as regras da vida dos islandeses e que ocupa os vazios deixados pela irmã morta, pelo filho perdido e o pai assassinado. Porém, esses sujeitos existem a partir da relação que constroem com essa terra, com as trocas que realizam com tal espaço, pela relação significativa, empática e simbólica com o outro.

Iceland, the island of the silence: the melancholic space of *A desumanização*, by Valter Hugo Mãe

Abstract

The present paper aims to analyze aspects related to space in the novel *A desumanização* (2014), by Valter Hugo Mãe. It is understood here that Iceland, country where the novel is set, occupies an importance role in the construction of such narrative. This analysis takes into account the understanding that literary space is a subjective, imaginary and fictional element. From this understanding, the notion that the country works as a reflection of the traumas of the different characters from the narrative, being, at the same time, the stage and the actor of a history of reflection on the human solitude. Thus, such reflections will be carried out from the point of view of important theorists.

Keywords

Space. Melancholy. Iceland.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. R. G. Mobilidade culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNE, R.; LEAL, V. M. V. *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015. p. 15-40.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Selo Martins)

BASTOS, A. R. V. R. *Espaço e literatura*: algumas reflexões teóricas. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6316/4509>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BRANDÃO, L. A. Breve história do espaço na teoria da literatura. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, n. 19, ano 14, p. 115-134, 2005.

BRANDÃO, L. A. *Teorias do espaço literário*. Belo Horizonte: Perspectiva, 2013.

FOUCAULT, M. Space, knowledge and power. In: RABINOW, P. *The Foucault reader*. Londres: Penguin Book, 1984.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Trad. de Marilene Carone. São Paulo: CosacNaify, 2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LODGE, D. *A arte da ficção*. Trad. de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MÃE, V. H. *A desumanização*. São Paulo: CosacNaify, 2014.

RICOUER, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SOUZA, M. J. L. de. Espaciologia: uma objeção. *Terra Livre*, O espaço em questão, São Paulo, n. 5, 1988.

TEOTÔNIO, R. C. Os fiordes da literatura: o duplo em *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe. *Revista Garrafa. Revista Digital*, v. 14, n. 40, p. 92-103, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/4722/3468>>. Acesso em: 11 jun. 2018.